



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Baccio da Filicaia: um florentino entre Portugal e o Brasil em finais do século XVI e princípios do século XVII

Carmen M. Radulet

Como Citar | How to Cite

Radulet, Carmen M. 2002. «Baccio da Filicaia: um florentino entre Portugal e o Brasil em finais do século XVI e princípios do século XVII». *Anais de História de Além-Mar* III: 65-77.

<https://doi.org/10.57759/aham2002.46875>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

BACCIO DA FILICAIA: UM FLORENTINO ENTRE PORTUGAL E O BRASIL EM FINAIS DO SÉCULO XVI E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XVII

por

CARMEN M. RADULET *

Sobretudo durante as últimas cinco décadas numerosos investigadores, de diferente nacionalidade e formação científica, dedicaram a sua atenção às relações estabelecidas entre o reino de Portugal e Florença. As problemáticas enfrentadas focaram aspectos diferentes da questão em função das perspectivas e das épocas analisadas¹ mas o que representa uma constante em todos estes estudos é a convicção de que Lisboa constituiu para Florença uma chave de acesso para o Atlântico, uma possibilidade de alargar a sua influência, inicialmente em direcção à Europa do Norte, sucessivamente para as ilhas atlânticas e para as costas da África e, após a viagem de Vasco da Gama, para o mítico Oriente e para o Novo Mundo.

Também outros estados italianos tiveram relações com Portugal e participaram activamente na grande aventura da conquista do Atlântico e da abertura das rotas marítimas para o Oriente, todavia, os operadores florentinos diversificaram a sua acção devido à especificidade da história local, às relações diplomáticas e políticas travadas com numerosos estados europeus e ao desenvolvimento económico e cultural desta região.

Federigo Melis afirma a propósito da peculiaridade da presença florentina no quadro das navegações ibéricas que

«le forti dotazioni di capitali permettevano un largo sviluppo delle operazioni in proprio, con incalcolabili vantaggi nella sicurezza, durata ed economicità. E per quanto riguarda il mare, le grandi società erano in grado di prendere in loro mani l'atto della navigazione (con il noleggio delle navi a tempo o a viaggio), abbinandolo a quello, principale, di scambio: ed è per questa coincidenza che (...) la navigazione ha potuto compiere il più grande

* Università della Tuscia – Viterbo – Itália.

¹ A bibliografia relativa ao tema é demasiado ampla e diversificada para neste ensaio ser citada de uma maneira exaustiva, razão que nos induziu a limitar as referências aos textos específicos.

balzo di progresso prima della introduzione del motore, mediante la strutturazione dei noli, dalle fattezze di piena modernità. L'aspetto quantitativo delle transazioni, oltrechè il volume, concerne il raggio del loro dispiegamento geografico, che è considerevolissimo»².

Com efeito, a comunidade de mercadores florentinos estava presente em Portugal a partir do século XIV mas foi durante o século XV que estes operadores, agindo individualmente ou organizados em companhias, adquiriram um papel relevante na sociedade local e na política de expansão atlântica. A propósito destes operadores, Marco Spallanzani nota que eles

«svolgevano un'attività commerciale in proprio e nello stesso tempo agivano da corrispondenti efficienti e fidati per le aziende che, non avendo una filiale a Lisbona, facevano ad essi capo per operare in Portogallo. Furono proprio quei mercanti, con il loro intenso carteggio e una completa padronanza dei più sofisticati meccanismi del settore bancario, a rendere possibile e conveniente anche per i loro connazionali non dimoranti a Lisbona la partecipazione finanziaria alla grande espansione portoghese. Una partecipazione aperta a molti (...)»³.

A Coroa portuguesa, que geria o comércio atlântico em regime de monopólio, concedia a alguns estrangeiros licenças, limitadas no tempo e nos objectivos e, ao mesmo tempo, fazia recurso à disponibilidade financeira oferecida pelas casas comerciais italianas – muitas das quais florentinas – ou pelas associações temporâneas de mercadores⁴. Esta situação deu a possibilidade a muitas companhias e a mercadores florentinos de desenvolverem um papel activo nos comércios no Atlântico e nas ligações com a Itália. Em consequência, após a viagem histórica de Vasco da Gama, os mesmos operadores ampliaram a sua intervenção nas frotas enviadas para o Oriente. A intenção era, como testemunham as cartas escritas já em 1499, em Lisboa, por Girolamo Sernigi e Guido di Tomaso Detti, transformar Porto Pisano num empório para o comércio dos produtos orientais no Mediterrâneo e na Europa Central, um centro alternativo a Veneza⁵.

² Federigo MELIS, «Gli italiani e l'apertura delle vie atlantiche», em *Mercaderes italianos en España Siglos XIV-XVI (Investigaciones sobre su correspondencia y su contabilidad)*, Sevilha, Anales de la Universidad Hispalense, 1976, n.º 1, pp. 169-175 (p. 170).

³ Marco SPALLANZANI, *Mercanti fiorentini nell'Asia portoghese*, Florença, SPES, 1997, pp. 10-11.

⁴ Cf. Federigo MELIS, «Di alcune figure di operatori economici fiorentini attivi nel Portogallo nel XV secolo», no vol. Federigo MELIS, *I mercanti italiani nell'Europa medievale e rinascimentale*, introdução de Hermann Kellenbenz, organização de Luciana Frangioni, Florença, Le Monnier, 1990, pp. 1-18.

⁵ As cartas em questão foram publicadas pela primeira vez no vol. Carmen M. RADULET, *Vasco da Gama. La prima circumnavigazione dell'Africa (1497-1499)*, Reggio Emilia, Edizioni Diabasis, 1994, pp. 169-198; e sucessivamente em tradução portuguesa amplamente comentada, em Carmen M. RADULET e Luís Filipe F. R. THOMAZ, *Fontes italianas para a História dos Portugueses no Índico. 1497-1513. Códice Riccardiano 1910 de Florença* (I parte) em *Mare Liberum*, n.º 18-19, pp. 247-340 (pp. 301-340).

A grande euforia determinada pelo sucesso conseguido por Vasco da Gama com a viagem de 1497-1499 e os lucros obtidos pelos mercadores florentinos graças à sua participação activa na frota de Pedro Álvares Cabral, acentuaram o empenho desta comunidade não apenas com o fornecimento de recursos financeiros avultados mas também com o envio para o Oriente de pessoal altamente qualificado⁶. Se o sonho de Florença de desempenhar um papel de relevo no processo de expansão através de Porto Pisano fracassou devido a motivos de política interna e internacional⁷, o envolvimento das companhias, dos banqueiros e dos mercadores toscanos nos negócios orientais continuou, com modalidades diferentes, durante toda a primeira parte do século XVI⁸.

O grão-duque da Toscana, Cósimo I de Médicis, retomou, de certa maneira, a ideia de um envolvimento político de Florença nas rotas do Índico e do Extremo Oriente, como testemunha o facto de, em 1571, ter tentado obter de Fernão Mendes Pinto, através do seu embaixador em Lisboa, Bernardo Neri, informações acerca das «coisas do Oriente». Fernão Mendes Pinto, numa carta enviada a Bernardo Neri⁹, recusou redigir a relação que tinha prometido ao grão-duque mas indicou alguns dos aspectos que considerava essenciais para um conhecimento qualificado do Oriente, sublinhando, porém, que seria possível encontrar todas estas informações no livro que estava redigindo, isto é, com toda a probabilidade, na sua *Peregrinação*.

Cósimo, apesar de muitas dificuldades, tinha conseguido assegurar ao grão-ducado da Toscana uma dimensão internacional caracterizada pelo equilíbrio entre as posições da França, Espanha e Santa Sé, mas o seu sucessor, Francesco I, escolheu privilegiar com todos os meios a política de Filipe II. A partir de 1574, o peso internacional de Florença diminuiu não apenas por causa das escolhas políticas mas também devido a investimentos, doações e empréstimos efectuados pelo grão-duque a favor de príncipes e de reis como mostra, por exemplo, o apoio à campanha em Marrocos de D. Sebastião¹⁰ e, sucessiva-

⁶ Cf. Carmen M. RADULET, «Os italianos nas rotas do comércio oriental (1500-1580)», in *A Carreira da Índia e as rotas dos estreitos*, «Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-portuguesa», Angra do Heroísmo, 1998, pp. 257-267.

⁷ Cf., por exemplo, o ensaio de Nicolai Rubinstein e a bibliografia citada: Nicolai RUBINSTEIN, «Dalla Repubblica al Principato», no vol. AA.VV., *Firenze e la Toscana dei Medici nell'Europa del '500, I. Strumenti e veicoli della cultura. Relazioni politiche ed economiche*, Florença, Leo S. Olschki Editore, 1980, vol. I, pp. 159-176.

⁸ Indicativos do envolvimento económico florentino nesta fase da Expansão portuguesa são, por exemplo, os milhares de documentos conservados no Arquivo Datini de Prato e os registos da sociedade Cambini presentes no Archivio dello Spedale degli Innocenti, de Florença.

⁹ A carta foi publicada pela primeira vez por Rebecca CATZ no vol. *Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros documentos*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

¹⁰ O embaixador António Pinto pediu a Francesco I um empréstimo de 300 000 escudos e 2000 soldados de infantaria. Sobre a questão, cf. B. BATTELLI, «Relazioni tra il Portogallo e la Toscana in occasione dell'impresa d'Africa del re don Sebastiano», em *Archivio Storico Italiano*, XCIX, 1941, pp. 120-124.

mente, o financiamento a favor de Filipe II para a realização da «União das Coroas» de Espanha e Portugal ¹¹.

Durante o século xv e parte do século xvi as companhias toscanas tinham criado uma rede bem articulada de filiais presentes nos pontos-chave de vários países europeus que garantiam a Florença a possibilidade de gerir os comércios no Velho Continente e os comércios com o Oriente e com o Novo Mundo, mas o sucesso desta sua actividade dependia em grande parte dos equilíbrios internacionais que, em finais do século xvi, registaram mudanças consideráveis. Os efeitos da política de Francesco I tiveram, por consequência, reflexos negativos também sobre o comércio florentino e sobre a vida das companhias, muitas das quais tiveram que enfrentar grandes perdas ou foram levadas à falência. O apoio, quase incondicional, que, neste contexto, o grão-duque ofereceu a Filipe II determinou o fracasso de uma parte considerável dos negócios dos seus súbditos – aqueles negócios que fizeram a fortuna económica de Florença durante cerca de dois séculos –, não apenas a nível europeu mas também nas transacções com as regiões que começaram a fazer parte das zonas de influência das monarquias ibéricas: o financiamento ao duque de Parma contribuiu para a queda de Anversa, onde a comunidade toscana detinha uma das praças principais, os vários conflitos com a França, a crise de Lyon, as guerras religiosas e os ataques dos piratas ingleses e holandeses a várias regiões do ex-império português, fizeram o resto...

Francesco I faleceu em 1587 sem deixar herdeiros legítimos, circunstância que determinou a subida ao governo de Florença do seu irmão, o cardeal Ferdinando de Médicis. O novo grão-duque tentou reorganizar a política internacional em função de uma linha de equilíbrio, semelhante à seguida por Cósimo, que implicava também uma revisão da atitude assumida por Francesco I em relação à Espanha e, numa dimensão diferente, à Inglaterra. Ferdinando compreendeu que a Inglaterra estava assumindo um papel de relevo no quadro da expansão ultramarina devido não apenas ao aumento da sua potência naval mas também graças à crise que envolveu o Império português em seguida à perda da independência do reino.

Perante este quadro – e para enfrentar a crise das companhias comerciais florentinas –, o grão-duque empenhou-se na criação da cidade-porto de Livorno, capaz de assegurar a Florença as condições para se tornar uma verdadeira potência marítima, seguindo o modelo da Inglaterra:

«il punto nodale consistette nell'imitazione delle fortune marinare, delle tecniche navali, delle imprese contrabbandiere e corsare degli inglesi, in una prospettiva non più limitata al solo Mediterraneo sibbene aperta verso

¹¹ Francesco I doou a Filipe II 400 000 escudos pedindo unicamente que o seu irmão Pietro recebesse o título de comandante das tropas de infantaria. Num segundo momento, este financiamento não só foi aumentado para 800 000 escudos mas foram destinados a favor das operações militares espanholas também 4000 soldados florentinos.

l'Atlantico. Fra l'altro, in questo suo sforzo di fare della Toscana uno stato marinaro sul modello dell'Inghilterra, Ferdinando non esitò neanche a valersi di capitani ed esperti inglesi»¹².

Com a «União da Coroas» de Espanha e Portugal os frágeis equilíbrios estabelecidos através do Tratado de Tordesilhas estavam perdendo progressivamente o seu valor como ponto de referência no que dizia respeito à corrida das nações europeias, quer em matéria de ocupação territorial nas Américas e no Oriente quer nas numerosas tentativas de utilização temporal de determinados empórios já existentes ou criados extemporaneamente. Esta situação teve, como é natural, reflexos consideráveis também sobre a política florentina conduzindo a uma inversão de tendências: após a tentativa de participar activamente nos negócios orientais e de transformar Porto Pisano numa espécie de feitoria para o Mediterrâneo comparável a Antuérpia para a Europa do Norte¹³, que caracterizou a primeira metade do século XVI, com a «União das Coroas», o grão-duque Ferdinando e as companhias toscanas recuperaram o seu interesse pela área atlântica. O Oriente apresentava-se não apenas mais difícil de alcançar, mais inseguro de um ponto de vista do controlo das operações em larga escala, mas também cada vez mais ameaçado pelas tentativas inglesas e holandesas de substituir os portugueses nas redes dos comércios orientais.

A situação no Atlântico não se apresentava pacífica, já que os franceses, os ingleses e os holandeses estavam empenhados numa corrida sem precedentes para a ocupação de territórios «pertencentes» aos países ibéricos. Todavia, devido também à colocação geográfica, à diversificação dos produtos que era possível comercializar e a uma menor incidência dos custos na organização das frotas, as costas atlânticas da África e do Novo Mundo ofereciam, teoricamente, maiores possibilidades para a criação de espaços ou de empórios directamente controlados a partir do Mediterrâneo, regiões, portanto, mais condizentes com as aspirações ultramarinas de Florença. Por esta razão, durante os últimos anos do seu governo, o grão-duque Ferdinando I, ao lado das incursões de carácter piratesco organizadas no Mediterrâneo, utilizou o porto de Larache para o contrabando com o Brasil e, contemporaneamente, tentou criar colónias florentinas na Serra Leoa e no Brasil.

¹² Giorgio SPINI, «Il principato dei Medici e il sistema degli stati europei del Cinquecento», no vol. AA.VV., *Firenze...*, cit., vol. I, pp. 177-216 (p. 214).

¹³ Sobre este tema, cf. António Augusto Marques de ALMEIDA, *Capitais e capitalistas no comércio da especiaria. O eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um estudo de geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, *passim*.

*

As relações entre Florença e Portugal e o papel desenvolvido pelos banqueiros, pelos mercadores e pelas companhias florentinas no processo de Descoberta e Expansão promovido pela Coroa portuguesa foram amplamente estudados pelos investigadores, sobretudo no que diz respeito aos séculos xv e xvi¹⁴, mas, até agora, menor atenção foi dedicada ao período relativo à «União das Coroas», período em que Florença, após um momento de crise, tentou novamente encontrar um espaço próprio no contexto da política ultramarina europeia. Por este motivo escolhemos analisar a figura do florentino Baccio da Filicaia como personagem paradigmática para uma melhor compreensão de determinados fenómenos que caracterizaram o relacionamento entre Florença e Portugal em finais do século xvi e princípios do século xvii. O nosso objectivo não é, portanto, o de proceder a uma reconstrução completa da biografia e das obras realizadas por Baccio da Filicaia na sua qualidade de arquitecto e engenheiro militar mas, num sentido mais amplo, tentar colocar o seu trajecto humano e profissional no contexto de uma determinada fase da política da expansão europeia.

A lenda construída ao redor dos Filicaia (ou Filicaja) coloca a origem desta família antes da fundação do ducado longobardo de Lucca, mas foi a partir do século xv que os Filicaia – já considerados florentinos – começaram a ocupar lugares públicos importantes na administração e na vida política da cidade de Florença: «essi ebbero a Firenze dodici gonfalonieri di giustizia, moltissimi priori e magistrati superiori della Repubblica; sotto il Principato parecchi furono senatori, e si imparentarono anche coi Medici. Il più celebre fra essi è senza dubbio il poeta Vincenzo; ma la famiglia conta altri scrittori e letterati»¹⁵. Durante o século xvi os Filicaia efectuaram também investimentos no comércio, e parece que, graças à atitude de abertura e colaboração que o grão-duque Francesco I efectuou em relação aos projectos de D. Sebastião, estes mercadores conseguiram também privilégios na importação de especiarias. A crise que se seguiu à perda da Independência do reino de Portugal envolveu também os exponentes desta família nessa mesma crise que conduziu algumas companhias comerciais toscanas à falência.

A data de nascimento de Baccio da Filicaia, filho de Baccio e de Alfonsina de Bastiano Caianini de Montauto, foi, tradicionalmente, colocada pelos investigadores entre 1565 e 1575, apesar da ausência de documentos a este propósito. Efectivamente, até este momento a fonte mais completa para a

¹⁴ Sendo o número dos ensaios específicos e das obras de síntese relativos a este tema tão elevado resulta impossível citar nesta ocasião uma bibliografia exaustiva.

¹⁵ Giacomo GORRINI, «Un viaggiatore italiano nel Brasile. Baccio da Filicaia (1565-1609)», em *Atti del Congresso Internazionale di Scienze Storiche*, Roma, Tipografia della R. Accademia dei Lincei, 1904, Vol. X, pp. 39-54 (pp. 39-40); cf. no mesmo ensaio também duas árvores genealógicas desta família.

reconstrução da biografia desta personagem é constituída por uma carta autógrafa enviada em 30 de Agosto de 1608 pelo próprio Baccio de Lisboa ao grão-duque Ferdinando de Médicis ¹⁶.

Baccio começa a sua carta-relação relembrando a sua infância e o facto de, muito novo, ter sido enviado pela família a Lisboa onde ficou quatro anos, sendo depois obrigado a regressar a Florença por causa das perdas sofridas pela família, perdas que conduziram ao encerramento da casa comercial ¹⁷. Este episódio biográfico pode ser relacionado com o facto de o grão-duque Francesco I ter enviado em 1575 o seu emissário, Antonio Vecchietti, a Portugal para obter de D. Sebastião o exclusivo da comercialização na Toscana de especiarias e de outros produtos preciosos e com a crise seguida à perda da Independência de Portugal, que determinou a falência de muitas das companhias comerciais florentinas estabelecidas em Lisboa.

O investigador Giacomo Gorrini, com base unicamente na carta de Baccio, coloca a hipótese de que os Filicaia «possedevano in Lisbona una casa e magazzini propri, e il commercio col Portogallo doveva costituire tutta la loro ricchezza» ¹⁸, porém, na documentação até agora analisada e no arquivo da Igreja do Loreto, em que se conserva uma parte considerável dos materiais relativos à comunidade italiana residente em Lisboa, o apelido Filicaia não aparece ¹⁹, falta que, todavia, não invalida as afirmações de Baccio já que, como é bem sabido, nas companhias participavam numerosos financiadores e mercadores, ligados por laços familiares ou meramente comerciais ²⁰.

Federigo Melis notava que

«le grandi dimensioni [das sociedades] riguardavano anche il personale: tra i molti soci e fattori, alcuni poterono distaccarsi dalla pratica degli affari e raccogliersi nella funzione pura di direzione, che vuol dire la totale dedizione allo studio dei fenomeni interni e di quelli esterni, spaziando su campi vastissimi. Dotandosi, come nessun'altri poteva fare, degli strumenti di

¹⁶ A carta, conservada no Archivio di Stato, de Florença, Archivio Mediceo del Principato (filza 949, cc. 1346 e 1349), foi publicada pela primeira vez por Gustavo UZIELLI num volume muito raro (edição de apenas 102 exemplares) intitulado *Cenni storici sulle imprese scientifiche, marittime e coloniali di Ferdinando I, Granduca di Toscana (1587-1609)*, Florença, Spinelli, 1901 (per le nozze Rita Uzielli-Guglielmo degli Uberti). Sucessivamente, foi publicado, juntamente com outros três documentos, por Giacomo GORRINI, *Un viaggiatore...*, cit., Apêndice, pp. 50-54.

¹⁷ «per perdite che tennono li miei maggiori, si serrò la casa»; as citações respeitam o texto publicado por Giacomo Gorrini.

¹⁸ Giacomo GORRINI, *Un viaggiatore...*, cit., p. 41.

¹⁹ Também no estudo clássico de Prospero PERAGALLO, *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli XIV, XV e XVI* (Turim, Stamperia Reale della Ditta G. B. Paravia, 1904) falta qualquer referência a esta família.

²⁰ Este período o próprio grão-duque Francesco I era um dos principais accionistas da Companhia florentina; cf. Giuseppe CANESTRINI, «Intorno alle relazioni commerciali de' fiorentini co' portoghesi, avanti e dopo la scoperta del Capo di Buona Speranza», em *Archivio Storico Italiano*, Florença, 1846, Série I, Apêndice, Vol. III, pp. 98-107.

studio – carteggio, che abbondantemente si riceveva da molte località e dovizioso di notizie, portolani grafici e descrittivi, invio di propri esponenti in giro nel mondo conosciuto – queste aziende divennero delle vere scuole, degli ideali centri di preparazione e di addestramento, particolarmente per il fenomeno della navigazione (...)» ²¹.

É muito provável, portanto, que também o jovem Baccio da Filicaia tivesse sido enviado para a filial de uma companhia florentina em Portugal com o objectivo de apreender os mecanismos complexos do comércio internacional.

A carta esclarece outros aspectos relativos à formação profissional de Baccio, pondo sobretudo o acento sobre a sua mudança de interesses: obrigado pela crise a regressar a Florença e pouco dado à arte da mercadoria, escolheu dedicar-se à matemática e ao estudo da arquitectura, da artilharia e da cosmografia. A carta é claramente autobiográfica mas, ao mesmo tempo, é também um texto com uma forte caracterização auto-apologética com finalidades de auto-promoção junto do grão-duque e do governo florentino interessado, naquele determinado momento, numa participação activa na expansão no Novo Mundo. Por este motivo, Baccio insiste no papel que os excelentes professores pagos pelo grão-duque tiveram na sua formação científica e no facto de que a sua partida para o Brasil, para a terra do «Verzino» ²², não representou um abandono da pátria mas foi motivada pelo desejo de aperfeiçoar a sua formação livresca através da experiência: tudo para depois ter a possibilidade de regressar a Florença e servir melhor o grão-duque, como faziam tantos «virtuosos» que gozavam da sua generosa protecção ²³.

É natural, portanto, que para motivar de maneira convincente o seu valor como potencial «servidor», Baccio passe a contar a sua vivência no Brasil e a pôr em relevo os encargos importantes que lhe foram atribuídos naquela região. Assim, sem indicar a data, conta que ao chegar àquela terra foi imediatamente contratado por D. Francisco de Sousa como engenheiro-mor ²⁴ e que acompanhou o governador através do Brasil tendo também

²¹ Federigo MELIS, «Gli italiani e l'apertura delle vie atlantiche», em *Mercaderes...*, cit., p. 170.

²² Filicaia não utiliza a palavra portuguesa «Brasil», mas a tradução italiana «Verzino» (o nome «verzino», «brasil» ou «legno di brace» indicava a madeira de *Caesalpinia sapan*, enquanto que com o nome «madeira de Pernambuco» era conhecida a variedade da *Caesalpinia echinata*). A este propósito vale a pena lembrar que os italianos não empregaram o nome «Terra de Vera Cruz», escolhido por Pedro Álvares Cabral em 1500 para indicar a terra por ele descoberta, mas o de «Terra dei pappagalli» e, sucessivamente, o de «Verzino», como alternativa do português «Brasil».

²³ «mi risolsi a salire fora e correre mondo, buscando parte dove potessi porre in esecuzione questo mio desiderio, per di poi di bene esercitado tornare alla patria, a godere el dolce giogo di V. A. Ser.ma e servirla con quello averia imparato in terre strane, invidioso di tanti virtuosi, che sotto la sua protezione si raccolgono, tanto favoriti e occupati ne' suoi servitj».

²⁴ Baccio da Filicaia sucedeu a Alexandre de Urbino, recebendo o encargo de engenheiro-mor em 1597.

recebido a incumbência de restaurar algumas fortalezas, de construir outras em defesa de alguns portos e de, na qualidade de capitão de artilharia, instruir o corpo dos bombeiros e reorganizar a defesa militar de determinadas praças ²⁵. Sempre em companhia de D. Francisco de Sousa passou outros cinco anos desempenhando as mesmas funções e participando na procura das minas de ouro e de prata que todos ansiavam encontrar.

Continuando a sua narração, Baccio declara que, no momento em que este governador acabou o seu mandato, considerando que tinha feito «pochi servitj, e, desideroso di esercitarmi in maggiore cose, mi accostai al nuovo Governatore mandato di questo regno chiamato Diego Boteglio ²⁶, e, come lui determinassi di scoprire e conquistare le provincie de' fiumi del Maragnone e Amazone saputo di mia curiosità, mi mandò in compagnia di un Generale Portugheze ²⁷, servendo el carico di Sergente Maggiore e Cap.an di una compagnia». Baccio teria passado com Pero Coelho de Sousa outros seis anos mas recusou receber o ordenado, que considerava demasiado insignificante, para, como ele afirma: «obrigare più a S. M.de, a remunerarmi li miei travagli».

Após esta campanha, em que foram conquistadas duzentas léguas de terra e muitas povoações de gentios foram evangelizadas, Baccio recebeu do seu General o encargo de continuar com um pequeno navio a exploração da costa do Maranhão mas, devido às condições contrárias do tempo, não conseguiu voltar à terra do «Verzino», chegando às «Yndie di Nuova Spagna», isto é, ao México. Aí, decidiu regressar à Europa para, como ele próprio afirma, «domandare rimunerazione a questa Corona delli miei servitj, delli quali porto bastantissime informazione».

Neste ponto da carta, depois de ter apresentado, com bastante ênfase, ao grão-duque o seu trajecto humano e as façanhas que caracterizaram a sua vida aventureira, Baccio enfrenta a parte final da epístola, isto é, a clássica *supplicatio*: em 30 de agosto de 1608, cerca de um mês após a sua chegada a Lisboa, solicita a Ferdinando I cartas de apresentação para o embaixador florentino em Espanha, conde Orso, o envio de cartas para D. Cristóvão de Moura, vice-rei do Brasil, e para o Presidente do Conselho das Índias, documentos, a seu ver, indispensáveis para conseguir as recompensas que pretendia. No fim do texto, Baccio da Filicaia também anuncia ao seu soberano a sua intenção de voltar ao Brasil por cerca de três anos para acompanhar o governador, Francisco de Sousa, na obra de construção e de

²⁵ «andando yn sua compagnia a visitare tutto lo stato e sua fortezze, mi ocupò yn restaurare molte di esse et altri porti fortificare di nuovo e juntamente mi dete el carico di Cap.an d'artig.a; con el quale esercitai molti bombardieri, e acomodai tutta l'artiglieria di dette piazze forte».

²⁶ Trata-se de Diogo Botelho, que chegou em finais do mês de Março de 1602 a Pernambuco com o encargo de Governador, não de Vice-Rei, como ele teria desejado.

²⁷ A alusão é a Pero Coelho de Sousa que, em 1603, partiu com um grupo de militares e de colonos à conquista do Maranhão.

fortificação de determinadas praças, sublinhando novamente a sua determinação de regressar a Florença após esta nova expedição, para, finalmente, poder servir com todo o empenho que merece o seu senhor e a sua pátria.

Evidentemente, Baccio da Filicaia conseguiu despertar a atenção do grão-duque da Toscana para a sua pessoa e a para a sua vivência, como testemunham as duas cartas enviadas ao conde Orso, embaixador junto da Corte espanhola e a D. Cristóvão de Moura, marquês de Castel Rodrigo, vice-rei do Brasil²⁸. Na primeira carta o grão-duque, depois de ter resumido as informações fornecidas por Baccio acerca da obra por ele desenvolvida na terra do «Verzino» ao serviço das monarquias ibéricas, solicita explicitamente ao embaixador florentino um apoio imediato e eficaz para satisfazer os pedidos de recompensas avançados pelo seu súbdito: «e, mentre si doverà costì consultare la sua remunerazione secondo la recognizione fatta nel Regno di Portogallo delle suddette informazioni ch'egli manderà, Vogliamo che con ogni efficacia sia raccomandata e aiutata in Nome Nostro la buona e favorita spedizione di questo suo negozio». Na carta dirigida a D. Cristóvão de Moura, o teor, apesar de conservar a mesma atitude de apreço pelas façanhas de Baccio da Filicaia, muda ligeiramente, já que o grão-duque solicita explicitamente ao vice-rei a protecção para um seu vassalo, um gentilhombre florentino que durante muitos anos serviu os interesses ibéricos no Novo Mundo.

Como se viu, numerosos florentinos desenvolviam as suas actividades em vários países do mundo – na Europa, no Oriente e no Novo Mundo –, não apenas para satisfazer uma curiosidade pessoal de melhorar os conhecimentos ou de ganhar fama mas também facultando, directa ou indirectamente, proveitos materiais e fama à pátria de origem. Através do seu próprio testemunho sabemos que Baccio ainda jovem deixou Florença para estudar quatro anos em Portugal, sabemos também que, devido à crise económica que envolveu várias companhias comerciais, foi obrigado a regressar à terra de origem, onde escolheu mudar o rumo da sua formação profissional: não como mercador ou agente comercial, como a família tinha programado inicialmente, mas arquitecto militar, artilheiro e cosmógrafo. Uma vez conseguida uma nova qualificação profissional decidiu partir («salire fuori e correre mondo») para confrontar a teoria com a prática, sem, porém, oferecer à pátria e ao seu senhor algum serviço de relevo. Porquê então a carta de Baccio conseguiu despertar tão eficazmente a atenção do grão-duque induzindo-o a atender com grande prontidão às solicitações de apoio deste seu súbdito²⁹?

²⁸ Também estas cartas, conservadas no Archivio di Stato, Archivio Mediceo del Principato, de Florença, foram publicadas por Gustavo UZIELLI no vol. *Cenni...*, cit., e sucessivamente por Giacomo GORRINI no ensaio *Un viaggiatore...*, cit.

²⁹ A carta de Baccio foi escrita em Lisboa no dia 30 de Agosto de 1608 e a resposta para o embaixador, conde Orso, tem a data 14 de Novembro: considerando o tempo necessário para a viagem da carta de Lisboa até Florença e do período inerente ao processo de selecção típico de qualquer gabinete, trata-se de um despacho excepcionalmente rápido.

A resposta a esta interrogação, com toda a probabilidade, encontra-se, de forma indirecta, na correspondência trocada entre Baccio da Filicaia, Ferdinando I e a sua secretaria. Na carta-relação, escrita em 30 de Agosto de 1608, o arquitecto e engenheiro militar, ao narrar o período passado em companhia de D. Francisco de Sousa, afirmava ter percorrido todo o estado, ter participado na procura de minas de ouro e de prata e, sobretudo, ter redigido uma descrição de todas aquelas províncias³⁰. Além disso declarava, com bastante ênfase, ter participado também na exploração e na conquista das «provinzie de' fiumi del Maragnone e Amazone».

Como se viu, o grão-duque Ferdinando I, além de apoiar o contrabando com o Brasil e a actividade dos corsários ingleses contra as frotas espanholas, estava acarinhando o sonho de criar um império colonial florentino no Atlântico: ou nas costas africanas ou no Brasil. Por este motivo – não por mera curiosidade intelectual – estava interessado em recolher a maior quantidade possível de informações acerca do Brasil e os testemunhos mais qualificados fornecidos por pessoas já empenhadas naquelas áreas. Sem dúvida, o grão-duque tinha à disposição numerosas cartas de mercadores florentinos que negociavam com o Brasil a partir da Península Ibérica, mas também informes provenientes de outras nações que tentavam, naquele mesmo momento, conquistar nas Américas espaços que pertenciam ao império filipino³¹. Todavia, a carta de Baccio da Filicaia teve o condão de mostrar ao seu interlocutor que se tratava de uma pessoa que detinha um conhecimento profundo do Brasil, não apenas das costas atlânticas mas também do interior e sobretudo das defesas militares da colónia e, elemento ainda mais interessante, da colocação das minas de ouro e prata que todos cobiçavam. A este propósito é indicativa a nota, devida provavelmente a um dos secretários de Ferdinando I, em que se solicita a Baccio da Filicaia que, para satisfazer a curiosidade do seu Príncipe, efectue uma descrição pormenorizada de todo o Brasil e da viagem que efectuou³².

Em 5 de Janeiro de 1609, após ter recebido as cartas solicitadas, Baccio enviou imediatamente ao secretário do grão-duque uma resposta com agradecimentos, comunicando também que já tinha escrito uma informação e uma relação acerca da terra do «Verzino» em que descreveu apenas a sua

³⁰ «dove fui yn sua companhia [de D. Francisco de Sousa], faciendo una discriptione di tutte quelle provincie, e facilitando el beneficio di dette mine».

³¹ A este propósito é interessante lembrar uma relação, datada 6 de Dezembro de 1605, intitulada *Ragguagli sul modo con cui negoziano gli Olandesi in America, Costa di Guinea e altre terre*, conservada nos papéis de Giovanni Vanderneesen, agente comercial do grão-duque na Alemanha e nos Países Baixos (Archivio di Stato, de Florença, Archivio Mediceo del Principato, filza 4259, c. 9).

³² «Che il Filicaia mandi nota in scritto di tutto el paese e 'l viaggio che ha fatto con più particolarità e notizie che si possa, per curiosità di S.A., sentendo volentieri questi avvisi». A mensagem foi escrita num papel, actualmente colocado entre as duas páginas da carta de Baccio (c. 1347-1348).

peregrinação de cinco anos em companhia de D. Francisco de Sousa. A esta declaração inicial de modéstia acrescenta porém que, com base nesta sua experiência, pôde igualmente apresentar os costumes, as guerras, os remédios, a maneira de viver e as leis dos indígenas, o que – juntamente com o facto de ele não ser um historiador – deu origem a um texto bastante extenso. Também aproveita a ocasião para anunciar que tinha começado a redigir uma outra relação, geral, de todo o estado do «Verzino», mas que, devido ao facto de ter aí deixado muitos desenhos e memoriais, não tinha a possibilidade de concluir na Europa este seu trabalho. Empenhava-se, porém, a levar a cabo esta sua obra no Brasil, circunstância que lhe daria a possibilidade de juntar ao texto também algumas coisas fora do vulgar, algumas «curiosidades» que aí conservava.

Esta carta, como a primeira enviada ao grão-duque, tem uma retórica claramente com a finalidade de fazer auto-apologia e auto-promoção, elemento que incide de maneira considerável sobre as notícias contidas no texto e sobre a verdade de determinadas afirmações. Baccio afirmava que a relação que tinha escrito era demasiado extensa para ser enviada com o mensageiro, facto que o induzia a esperar uma urca que tinha que partir em meados daquele mês para Veneza. Ora, o autor declara escrever a resposta passados dois dias após ter recebido as cartas de Florença, período em que teria sido materialmente impossível elaborar um texto descritivo de amplas dimensões, como afirma ser a sua relação. Qual, portanto a realidade? Evidentemente, Baccio da Filicaia não estava à espera de um pedido deste tipo tão rapidamente e, em consequência, tentou ganhar algum tempo para redigir a sua relação, ou talvez tivesse já apontamentos ou a relação a que fazia referência na primeira carta; se se tratava de uma relação escrita precedentemente tinha de ser em português ou espanhol, e portanto dez ou quinze dias podiam ser suficientes para a traduzir e actualizar antes da partida do navio para Veneza. O que é facto é que nem esta relação nem a outra obra que o autor prometeu escrever foram até agora encontradas nos arquivos florentinos, ou porque não chegaram a ser redigidas em italiano ou porque se extraviaram ³³ devido ao acaso ou às vicissitudes da história política local.

Ferdinando I, para concretizar o seu sonho imperial, fez recurso a todos os meios ao seu alcance, alguns perfeitamente lícitos, como era a recolha sistemática de informações, outros menos justificáveis de um ponto de vista ético, como era a participação directa no contrabando e o apoio às acções

³³ Há alguns anos dedicámos um estudo a uma obra anónima intitulada «Ritratto et Riverso del Regno di Portogallo», levantando a hipótese de o seu autor poder ser Baccio da Filicaia («Um retrato italiano do Reino de Portugal no século XVI», em *Mare Liberum*, 1997, n.º 14, pp. 99-114); o facto de Baccio não fazer nenhuma referência a este tratado, eventualmente por ele escrito, não invalida a possibilidade de ser ele o autor, já que a produção deste texto deve ser colocada durante o governo do grão-duque Francesco I, circunstância que não representava um elemento positivo aos olhos de Ferdinando I.

dos corsários ingleses. Neste contexto de busca espasmódica de um território no Atlântico onde criar um empório florentino coloca-se também a primeira carta de Baccio da Filicaia, que teve a capacidade de concentrar definitivamente a atenção no território brasileiro: com efeito, passado cerca de um mês, o grão-duque fez armar no porto de Livorno dois navios entregues ao capitão inglês Robert Thornton. Para a realização desta expedição, Ferdinando I tinha solicitado ao conde de Warwick um mapa da região amazônica por ele explorada em 1595, e portanto as informações que Baccio prometia oferecer, dada a sua experiência naquela mesma região, representavam um complemento útil às notícias já recolhidas. Warwick e Filicaia falavam na possibilidade de encontrar na Amazônia ricas minas de ouro e de prata mas, antes de tudo, o grão-duque desejava possuir uma terra, um empório no Brasil.

Robert Thornton navegou cerca de um ano explorando o Amazonas, o Orinoco e a ilha Trinidad, porém, regressando a Livorno a 12 de Julho de 1609³⁴ não teve a possibilidade de narrar ao grão-duque as suas façanhas: Ferdinando I tinha falecido a 7 de Fevereiro do mesmo ano. Assim, também a relação de Baccio da Filicaia – se foi escrita – não chegou a satisfazer a curiosidade do Príncipe e a reforçar ulteriormente o seu interesse pela terra do «Verzino». Por seu lado, Baccio regressou ao Brasil continuando a sua actividade de arquitecto e engenheiro militar em várias capitánias e, já sem a perspectiva de poder gozar as benesses que esperava conseguir em Florença, acabou a sua vida aventureira, provavelmente em 1628, na Bahia, ao serviço da administração filipina³⁵.

³⁴ Sobre esta expedição cf. G. GUARNIERI, «L'ultima impresa coloniale di Ferdinando I dei Medici. La spedizione R. Thornton al Rio Amazonas, all'Orinoco, all'isola Trinidad», em *Annali dei R.R. Istituti tecnico e nautico di Livorno*, 4.^a série, IX, Livorno, 1910.

³⁵ Falta ainda um estudo exaustivo sobre a actividade de arquitecto e de engenheiro militar desenvolvida por Baccio da Filicaia, apesar de em vários ensaios aparecerem indicações parciais e referências a algumas das obras por ele realizadas; cf., por exemplo, Leone Andrea MAGGIOROTTI, «Architetti militari italiani in Portogallo», no vol. AA.VV., *Relazioni storiche fra l'Italia e il Portogallo*, Roma, Reale Accademia d'Italia, 1940, p. 430; Carlos LEMOS, «O Brasil», no vol. AA.VV. *História das fortificações portuguesas no mundo*, direcção de Rafael Moreira, Lisboa, Publicações Alfa, 1989; Rafael MOREIRA, «O engenheiro-mor e a circulação das formas no império português», em *Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural/Mosteiro dos Jerónimos, 1992; Marino VIGANÒ, *Architetti e ingegneri militari all'estero dal XV al XVIII secolo*, Istituto Italiano dei Castelli, Sillabe, 1994; Beatriz Siqueira BUENO, *Desenho e designio – o Brasil dos engenheiros militares*, «Oceanos», n.º 41, 2000, pp. 40-58.